

VERBO DE BARRO
(ou o hímen de Mallarmé rompido)

à complacência do hímen

à falsa rigidez do pênis

à ascensão da vagina

à depressão do falo

ao crepúsculo do pênis

“A verdadeira viagem não consiste
em chegar a novas terras
mas em ver com outros olhos”. Proust

“Bayeux, tão alta em sua nobre renda
avermelhada, cujo lume ilumina-o
velho ouro de sua última sílaba”. Proust
(ou olhar desmesurado do olvido).

(Em francês, velho é vieux, rima com Baieux)

Ao meu filho mais novo, Murilo Dantas Corrêa de Araújo (e Cavalcanti de Albuquerque, sobrenome da vó paterna) Murilo Gun. Aos 13 anos foi vencedor do Ibest (Óscar da Internet) por duas vezes, integrando o júri oficial do certame por dois anos. Escritor com dois livros (o 1º, aos 15 anos) publicados na área da internet (um sobre spam, da editora Brasport-SP). Integrou a Comissão Spam, do Comitê Gestor da Internet. Foi ao programa Jó Soares aos 13 anos (a 1ª vez).

Introduziu a comédia Stand-Up no Norte/Nordeste. É ator, comediante, faz shows de stand-up em todo o Brasil. Como é formado em Administração de Empresas com MBA, especializou-se em stand-up corporativo. Reside em São Paulo. www.murilogun.com.br.

Aos 15 anos, recebeu a Comenda José Mariano (a mais alta distinção) da Câmara dos Vereadores da Cidade do Recife. Escreve roteiros e entreatos, além pequenos textos cômicos que interpreta com outros atores e encena na Internet.

EPÍGRAFE

Carta de Manuel Bandeira a Eugênio de Castro acompanhada de três poemas: A morte de Pã, Inscrição e Despertar de Pierrot.

“Sou brasileiro e vim há dois meses para a Suíça tratar-me de uma tuberculose que me abatei vai para nove anos.

(...)

Compus muitos versos dos quais destaquei 34 poemetos

que desejo imprimir em livro sob título

Poemetos melancólicos. Gostaria de dá-los

à estampa em Portugal. Mas... não conheço ninguém.

No Brasil sou inteiramente desconhecido. ...

que será o Sr. Dar-me uma carta de apresentação

a alguma casa editora daí?

Envio-lhe três poesias pelas quais o Sr. poderá

ajuizar se desmereço sobremaneira da alta honra

e serviço que lhe peço, caso em que rogo

encarecidamente não se embarace com escrúpulo

nenhum de cortesia: eu mesmo não sei

que valor dar a meus poemetos.”

Manuel Bandeira

Sanatorium Clavadel

(Do livro Modernismo brasileiro e modernismo português, de Arnaldo Saraiva)

À arrogância do ego
a tudo que não se subjuga
aos obstinados horizontes
aos rigores do tédio
às ressonâncias da náusea
à inutilidade do mundo e da eternidade
ao mesmo rio em que Heráclito banhou-se duas vezes
à certeza de ser, dedico...
(e à canga que abate ombros
e begônias de que torço o pescoço
e a

INTROITO

César Leal, ao resenhar meu segundo livro de poemas, todo vazado em verso livre, em artigo publicado no Diário de Pernambuco, posteriormente recolhido no primeiro volume da obra Dimensões temporais da poesia, ressalta o fato de Vital Corrêa de Araújo ser o poeta que melhor utiliza a técnica versolibrista no Brasil.

Sébastien Joachim, no livro O destino poético de Vital Corrêa de Araújo (editora Bagaço / Instituto Maximiano Campos), dispara: “VCA consagra boa parte de sua obra a tematizar ostensivamente a negatividade e a metáfora. A sua intenção é derrubar o significado”.

“Ao romper os fios de Ariadne da coerência, ele produz no leitor desvario, um efeito siderante, uma espécie de vazio mental, uma impressão de tontura”.

Vital cultiva o excesso, o desregramento (sintático), o desmesurável (gramatical). VCA busca uma mais valia de sentido pela renúncia tática às imagens do mundo habitual, pela desautomatização de significados pré-estabelecidos pelas ideologias seculares ou religiosas.

“Na fábrica metafórica...

O professor e crítico canadense Sébastien Joachim conclui que VCA lastro no sublime o empreendimento poético. (Sublime e não-lugar do poeta e da poesia em Vital Corrêa de Araújo).

Sílvio Hansen, no que respeita Vital levar o leitor ao desvario e à desrazão, elaborou poema visual que traz: “Ler VCA causa AVC”.

Essa conjunção levou-me a rabiscar estas notas. Desde meu primeiro livro, “Título provisório, mantive extrema coerência e fui até este Verbo de barro fiel ao verso livre; pautei-me absolutamente pela técnica versolibrista, nunca me pendi para o que todos os poetas de minha

geração foram: comedidos, rimados, bem medidos, consequentes, especialíssimos na mais excelente métrica, a mais avançada. Nunca me desviei do princípio do ritmo interior que embasa minha poesia, ab initio.

Ao longo de obras, como Burocracial, Coração de areia, 50 poemas escolhidos pelo autor (editora Galo Branco / RJ), Só às paredes confesso, Palpo a quimera e o tremor, Ave sólida, Ora pro nobis scania vabis, Bando de mônadas, Boceta de Pandora, Crepúsculo do pênis, dediquei o melhor dos esforços à empresa de levar o verso livre às últimas consequências, e me saí muito bem.

Explorei todas as (inúmeras) possibilidades e impossibilidades do verso livre, fui a seu fundo, mobilizei seus potenciais e assombros, atualizei suas energias profundas.

Investí como trator de aurora, trevo sem limite. Ou bússola enlouquecida.

Se me agraciaram com tantos estudos debruçados sobre a técnica do verso livre, se a utilização não como estratégia, mas como condição natural da poesia, é que valeu a pena a rigidez e fidelidade ultra dessa trajetória, resistindo à tentação métrico-rítmica, que desprezei e por isso me desprezaram até agora condenando minha poética ao limbo mais miserável e até hoje.

R. Carrero – como consultor da Livraria Pernambooks, contribuiu para montagem de um painel com nomes de poetas, à exceção do meu. A Fundarpe produziu dezenas de cadernos populares de poesia, nunca o meu nome deles constou. A Prefeitura do Recife editou vária coleção de poetas, sempre fui desconvidado. Nunca reclamei porque entendia os motivos relevantes do desconvite: minha poesia hermética, esconsa, pé-cabeça, assimétrica, descontínua, fragmentária, nada convincente com “estes tempos”. Desagrada sobremedida.

Arreversada, pé-cabeça, desmesurada, sintaticamente desregrada, capaz de torturar, além de tonturar (entontecer), o leitor. Absolvo-os todos que temem meu poema. Não sabiam o que faziam. Não sabe o que fizeram.

Para mim, a poesia é a palavra enlouquecida, é o veneno imortal, é a deseducação da palavra, bem estabelecida, normalizada, quieta.

E face o verbo (como o sopro) ser de barro, permite-se que o poeta molde-o, amacie, puxe, estique, torça, plasme-o com descuido, deforme-o à vontade.

O poeta é um oleiro da palavra. E não deve temê-la, querer agradá-la. Ajudar o leitor, criando um poema explícito, fácil, deglutível. Que não provoque malestares, peristaltismos, vômitos (mesmo agonias finais) jamais!

Tenho para mim que o leitor que se rale, que, em bicas sue,, sofra para desfrutar do poema. Quanto mais o poeta complique para o leitor fácil melhor.

Aquela história de que ao me ler necessita-se do amparo e da muleta do dicionário é balela. Idiotice, amparo e da muleta sem remédio. A poesia é feita de palavras, não de significados.

Descobrir o exato sentido dicionário de uma palavra no poema de barro é totalmente dispensável, inútil, mesmo inconveniente. Porque o poeta não quer dizer nada de propósito. Digo sempre, se você quer dizer algo, use a prosa. Ela é para isso. À poesia, é o reino do indizível.

1. ENQUANTO KANT

enquanto Kant arquiteta

vastas metafísicas

em seu tugúrio abstêmio de Königsberg

enquanto medita sobre novas mônadas

e astutos aprioris

a perambular pelo melancólico caminho dos filósofos

e se enovela nos elos limosos da coisa-em-si

se enleia nos ramos dos buquês agnósticos

da papoula do ser

despetalando as vertiginosas condições do entendimento

Hegel sincronicamente viaja

pelos périplos intrincados

da dialética do espírito

pelos dédalos tortuosos da alma

busca saídas

e se enreda nos pinos abstratos dos bemóis da mente

e no bar de despojos das antíteses bebe
lautos goles de absoluto

e dos ébrios bojos das sínteses fatais se ilumina
a ver o espírito se absolutizando
e os devorados indícios do relativo cuspidos.

Os lascivos conectivos, as vergonhas dos silogismos
acariciando como uma criança as minúcias de Deus.

Obs. Este poema continua no próximo livro.

Desentranhado da coletânea inédita
“Kant não estuprou a camareira, é
lorota de Lampe”.

2. REFLEXÕES MORTAIS

Refletindo sobre a morte humana, Rilke
diz ser estranho não mais habitar a terra
desvencilhar-se das algemas e nós
laços, cordões, veias, amálgamas gerais
que nos atam à vida que o sopro proclama

estranho é não mais ser o que se era
nunca mais dar destino humano às rosas
e esquecer até o próprio nome

estranho, fala Rilke, é não mais desejar os desejos
e ver flutuar no etéreo tudo o que era íntegro.

O estar-morto é penoso e pleno
de tentações de eternidade

os mortos, (dispara Rilke)
apelam para um pouco de eternidade
(inutilmente digo eu).

3. RILKE E A MORTE

Rilke diz que mortos precoces
docemente desacostumam do terrestre
como ternamente nos desabituaamos
do seio materno, mamilo de leite vital.

Os mortos senis não se despregam
facilmente de seus pagos terrenos
ferozmente insistem, rebelam-se inclusive
pela permanência do chão, mesmo amaro
não se desapegaram logo como os precoces
os mortos jovens, que se iludem com o céu.

E finaliza: nós, (atentos consumidores do mistério)
que seríamos sem eles
os que se consolam e os que se revoltam
com a morte?

4. MENTIRA APODÍTICA

Nenhuma verdade resiste à tona.

A tona da verdade é bruna.

Nunca houve fenomenologia

da temporalidade livre de aporias.

5. ORDEM

Deus criou primeiro o dízimo
depois o homem.

6.

As profundezas são bem iluminadas
a superfície deve sua luz a elas.

A claridade viva vem do veio
da íris e da ira de Deus (que a proclama).

A profundidade nos eleva.

Flui rio do tempo
do olhar clemente de Heráclito.

7. PELOS PELOS

Percorro teu corpo noturno
erro por suas vias cárneas
becos doces, ruas íngremes do umbigo
vales dos seios (onde respiro)
pelos dois montes redondos dos mamilos rondo
com mãos eretas tateio-os mas me perco
(me firo em seus picos acúleos e eretas aréolas)
sigo os aromas do ventre me reencontro
na púbica, úmida, rósea avenida pura.

Na alameda viçosa do púbis submerjo docemente
nos espelhos espalhados pelos teus pelos me miro
e me derramo, unguento lascivo e trêmulo.

8. VENDA/VIDA

Quando lanço os olhos
às nuvens emboscadas no céu
sob assédio de levas de pássaros
aves encasuladas no alto
quando meço a olhar o jardim
das rosas chilreando
revolta-me a narina
e o voo selvagem da arribaça
me assalta a corda vogal vivo.

Emboscadas sussurrem sobre charcos
grasne azul sobre pedras
urda vento sibilo úmido
limo brote das casas fechadas.

E urze que tocaie maribondo morra.

12.5.6.1

Com alforje de brilhos tocaia
lua dos olhos sonâmbulos da metáfora
galáxia pudente do significado abre
clamores escuros cultua
preces de sal espalha
(pela alma equívoca da palavra
pelo corpo branco da verdade escrita
na última página do mundo).

Com aljava de relâmpagos acorrenta
signo em sua escuridão sagrada.

(Com aljava de lampejos encurrala
relâmpagos na página azada).

13.5.7

Num ápice lento poeta atinge
fundo do abismo, poço do poço
o mais abisso abismo
o sal mais longo
galáxias profundas, céus enterrados
luzes supultadas
no espelho sonâmbulo dos olhos

azuis aziagos da veste dos anjos
metropolitanos rasga

estanca palavra fácil, físsil
torna-se mundo do verbo morrerá

(a verdadeira viagem é a da palavra
os olhos que veem são os do verbo).

13.5.9

Índole de serpente incaica
persa, asteca, maia arranca
da entranha da palavra
e ao uivo oferece
como totem, prêmio, escalpo

Rostos anfíbios imergem do ar
réptil olhar varre dor
de ser

esculpe clamor
verdade do verbo de barro iluminada proclama
traz à tona borrada da alma amor
pelo barro do verbo amoldado.

Não há dolo na víbora
nem paz no coração.

13.5.10.1

Poeta segue

seu labiríntico destino

desmesurando o figurado

escolhendo vocábulos

nós exatos, rimas, vozes, epitáfios

lavando-os no patíbulo do poema.

13.5.10.1.1

Restos vitais (e imortais) da poesia:

treva de ábaco, túmulo de rima.

Ostra e crisântemo. Néctar de Acer

nácar mãe de pérola. Labirinto de abelhas.

Roda de ouvires, moenda de palavras.

Oleiro de barro, poema de carne.

14.5.8.2

Brotam ovos transparentes pedras
dão luz a partos profanos.

Choca ovos de serpes o tempo.

A vida é útero e aborto.

Agonia de Prometeu se prolonga
enquanto abutres do Cáucaso gargalhem.

15.5.8.1

Apático instante (de gesso flutuante)
perecedoura e imanente certeza verbal
tudo rasteja entre homem e céu.

Trêmula cintilante lâmina
de estrelas cegas (enjauladas na antimatéria)
e reluzentes reflexos lança
na alma do homem e dos vermes
caliginosa água, sublimada seda
e líquidas estrelas
cúpula de zinco, eco etéreo
adejando na planície do céu
como anjo terrível de Rilke

Alto poema de pedra e luz
sílabas aladas, tenso inferno de palavra.

16.5.9

Poeta espera

do lado de fora do portal da República

do lado de fora das grades do éden

do lado de lá onde deixou a esperança

(a mesma que restou da boceta de Pandora).

Poeta espera

a expulsão do tempo

ordem de Deus de abandonar a nave dos ratos

viagem pelas intempéries da alma

périplo terrível pelos círculos

ao encontro da dor e da lâmina

que lhe decepou o ser

como cão a farejar rastros do sopro

sua sina do além-mar que é morrer.

17.1.11.1

Poeta espera

sepultar portos

nas covas onde abandone naufragos mortos

(cais onde saudade se cristalize

em lâminas de água ambígua, ponteaguda

como a sede do inferno).

Cavalgada de epítetos desata

na hara convulsionada da alma.

À arena dos tropos dedica

sua tinta mais áspera

sua mais efêmera certeza

(aquela que limou com a lente da ilusão).

O poeta é um homem comum

viciado em palavra.

17.4.2

Poeta vê

além de muros em manada

além da tênue apostilha das estrelas

além do espartilho e da seda das ovelhas

além dos tosões, grifos, bordões.

Poeta lê

as abertas páginas (coxas angélicas)

do Livro que Deus escondeu

entre as tralhas da oficina peripatética

que mantinha no céu

(e Eco nem sonha achá-lo)

Poeta compulsiva

com denodo e argúcia

o livro único de Mallarmé.

15.5.10.6

Artelhos da velha Europa raquítica
(estalando como ossos de cinzas)
já não suportam valsas húngaras
dança do espanhol fogo (de Falla)
intrincado e sublime Ravel tango.

Moléculas da Ásia estalam
como pútridas bolachas
ou sílabas decepadas
por rimas absurdas
lâminas de palavras
libertam-se dos átomos das náuseas.

18.5.10.1

Inquisição se estenda

a portos, hortas, canteiros de estrelas

mênstruo de galáxias avermelhe o rosto

a fundos desvão, poços sem olhos

tímpano de crente se estenda

(com válvulas do coração o leme trabalhe)

incinere a ciência

em bacias de bordas ortodoxas

de crateras de piras arredondadas estenda bandeira (a léu).

Corações místicos expulse

do peito pobre da humanidade.

Poetas heréticos, desrimados

sem ábaco, trena, cálculo

expulse da página, id crema sem esturpor.

18.5.10.2

Liberdade se recuse
em nome de regras douradas

em nome de abecedários, compêndios
e bilacs regimentos
(bem incivis, marciais)

em nome de esfinges e falangetas
parnasianas vencidas.

Liberdade recuse
em nome de trenas rimadas
e rabos (ou narinas) de palavras dicionarizadas.

Trevas do que não acabe
luzes bem enterradas na cova mais escura da campa do verbo clássico).

Atinja quilates de quimérico
ouro reluza como fantasmas vis.

18.5.11

Ábacos convoque

para justeza poemática (na liça clássica do verbo

cálamo para calar alma

cilício para não sofrer palavra

justiça decassilábica fale

mais alto que qualquer liberdade

que se dê à palavra

poética sua virgem odisseia na página.

EPÍGRAFES DA 2ª PARTE

“Eu anotava graves silêncios (pelo acaso)
noites, sensações noturnas, estrelas fixava
o inexprimível, agarrava vertigens”.

De Alquimia do verbo / Rimbaud

A poesia é a palavra que necessita
fixar (na acepção na química do termo) o inexprimível
porque as coisas não podem ser reveladas
esterilmente (ou para satisfações burguesas
ou em prol de meros prazeres mundanos, filisteicos, usuários.

Vital Corrêa de Araújo

“Isso quer dizer o que quer dizer
e em todos os outros sentidos possíveis ou não”.

Rimbaud respondendo à pergunta:

O que você quis dizer neste poema?

Findei por considerar sagrada a desordem do meu espírito.

Rimbaud

19.5.11

Como carcará imortal
afugentando a carne do mundo
é o poema e sua aliança
com o tempo da alma. (VCA)

É o mercado, e não a proteção de um príncipe,
que o poeta deve conquistar. VCA

Quando não se pune amplamente o mal
estamos fazendo-o, cerceando o bem
(estimulando o mal, chancelando-o)

Leonardo da Vinci

19.9.1.2

(Compacto espírito
quilate a quilate encravado
num bunker amoedado
lastro de engodos dolarizados
cofre falindo-se, gritos encarnados)

Forte Knox fatigado
de seu útero de aço
cansado da náusea dos dólares
do ouro do descaso
vômito esverdeado, águia senil

expulsa a fidúcia de sua funda laga
jaula de ouro ficto em barras caladas
cifras despeja fora do jângal bancário
despreza ágios, simula
bursáteis enfartos, aveceis, neuras, trombos
no injurioso coração o estalido
do estalão naufraga wail street
(que sobrevive entre torres desabando)
Frankfurt agoniza sobre o Meno.

19.9.1.3

E o rio monetário do sangue

coagula

palavra amoedada

suicida-se na praça

onde coração brônzeo do touro

salta do peito estátua falindo.

Lipídios empreita o magnata

para que sangue republicano trombe

e neurônios democratas matem-se.

Nova Iorque

grossas lágrimas de ouro e usura lança

pela face de sua consciência inflexível

ao ver torres gêmeas tombando como folhas

sem trégua ao abandono bélico e estadista.

20.5.12

Desespero exaspera Bonaparte
na ilha de Elba abandonado
lábios coagulados emudecem
ângulo do lago, a melancolia ronda
sua pala (seu peito)
 seu espírito ainda paira
dos campos perdidos da batalha.

21.5.13

Creio em geometrias moribundas
esculturas de sarça fumegando
ferruginosas ideias formigando
creio em ladainhas de urze sarracena
ditame de baunilha, rima de abelha
luz de centelha, treva de cambraia
creio nos esboços avariados do futuro
e nas infecções rumorosas do porvir
(que veias tramaram
e ardis de Deus preparam)
creio nos incêndios da íris das perdizes
nos urdumes de cimento, nas asas dos concrizes
(a salmodiar sombras que virão)
creio nas piras de trapo do duodeno
no lampejo, na azáfama, no delgado
da adaga e seu sulco de sangue e uivo
sobretudo nas circunvoluções dos intestinos da palavra poema.

21.5.13.1

Creio na erva que se arrasta no limbo
(e rasteja na alma)
e em tudo que corra pelo ralo
infernado do espírito
creio nas cruces dolorosas
e em madrugadas amontoadas no absoluto
creio no destino que pasta em meu sangue devoluto
e no célere sol que adorne
fim de túnel
creio na verdade da glicose e na catábase
no prolegômeno e na diálise
creio em luzes oblongas e pátios com vírus uivantes
em gerúndios e utopias enferrujadas
em suicídios nascimentos
pratos cruentos
creio em artifícios azuis insolentes
nos açoites dos azeites
fervilhantes do inferno (da vida na terra
e sob ela)

Creio em gerúndios, nascimentos
e amontinados verbos do convés da página.
Creio no barco ébrio e enlouquecido da palavra.

22.6

Pérolas com olhos sonhadores lança
chusma de brilhos sobre crinas acantonadas
das cavaliças profanas de Áugias.
Dos precipícios brancos da página.

(Leio a noite de teu nome
no alfabeto fúlgido
vindo do coração abrupto das estrelas

cravado no ventre sem fim de Deus).

23.5.16.1.2

Jangadas não dispensa Ulisses
disperso nos mares duros da memória
guarda de Penélope recordação inglória.

(Penélope não resiste
à bela chusma de pretendentes
e à solidão da ilha desulisseada
castelos a desmoronarem como areia impura).

23.5.16.1.2.1

Com asas velozes dos pés de Hermes
todos sonhamos nefelibatas e proxenetas
imagens vaginais cercam-nos sonhos infantis.

(Olho ilha faminta e desgraçada onde
Dido jaz abandonada
vejo Enéas debruçado
sobre sina sangrenta de Roma).

23.5.16.1.2.

Muralhas do tempo destroçadas
frota de víscera exposta
fêmur do espírito fraturado
brusco refúgio de ossos anciãos
à uivo de nuvens vertiginoso, sob pálios súbitos
mulheres de mármore beijam-me
lábio rijo e dúbio
rosto branco e úmido
seco de lágrima de luz mutilado
mão imóvel e muda (deposta em oração ímpia)
face sem palavras, concha desperolada
desolado silvo do sol embarcado na nuvem
no túmulo amarronzado
eito triste imerso em senis decálogos
e eclesiásticos pendores nus agonizando
como inútil abecedário
ou escuro condelabro.

EPÍGRAFES DE EUGÉNIO DE ANDRADE

Que posso eu fazer
senão beber-te os olhos
enquanto noite
não cesse de crescer?

Não é sequer brilho de um pulso
ter cessado
e a música que trazia
às vezes um suspiro outras um barco.

Um corpo ao crepúsculo lido pelo vento
chama-se música
esta queda no escuro
rente ao murmúrio.

E havia ainda outra música
porque loucura
e sopro das estrelas
equivaliam-se.

24. EM NOME

Teu nome vem de estrelas distantes
dos relevos da lua, de lírios dolentes
da sombra de maçãs vem teu nome
e do clamor da pedra inocente
ou das hostes noturnas do verme
teu nome vem
da úmida escória do tempo
do amor dos mortos, dos ossos
vem o teu nome.

Recife (2003)

Poesia: Veneno imortal

25. CHÁS COLÉRICOS

bem-aventurados beneficentes

Filantropia é minha vida.

Vou a três chás beneficentes por semana

fatalmente

desprezo obrigações sexuais

ou outros compromissos gozosos

amores vespertinos, deixo

amantes esperando (suspirando)

mas não perco chá caridoso.

Never!

A piedade é meu ofício.

Bem-aventuradas as beneficentes como eu.

26. BENEVOLENTE MADAME MAENATA

Sou benevolente madame.

Rica, obesa, caridosa como nada.

Sei que no céu me espera dossel brancos
séquitos de anjos meus criados já me sonham.

Sei que Deus pessoalmente me espera
me receberá com todo aparato célico
porque sou inteiramente caridosa das horas vagas.

Imune ao ócio, filantropa, mecenas da miséria.

Cortejo angélico e corbelha de rosas divinas
na áurea soleira do paraíso me aguardam.

Porque fui a mais de cinco mil
chás filantrópicos e incansáveis
em tardes de caridade explícita
nos últimos dez anos de pura vida

para arregimentação dos fundos da miséria

cercada de conforto e ardor de prece

sempre filantropando danadamente

é minha vida

boas ações uivando

da bolsa dos despossuídos

em meu caderno do retábulo

em meu coração benevolente

a consciência da fome dos miseráveis presente, assídua.

Sei que fui fiel a Deus

indulgente com os meus. Amém.

Santa, santa, santa

benta madame

sou eu.

26.1 DEDICADO A POBRES

Enquanto exímios filantropos
salvavam a humanidade
simbolizada na cinza
de velha casa doente
e madames esmeradíssimas
exímio crochê palaciano abandonavam
pela sedação de duas ou três dores alheias diárias
a polícroma, a polifônica
e occipital caridade triunfava
a apoteose dos esfomeados
por instantes saciada
o espetáculo desesperado
a longa (e absoluta) vitrine
da miséria desfilava
pela pupila empreendedora
das filantropas assombradas
com a própria piedade
recolhendo o exército de levas de pacotes doados
e seus lipídicos comboios
para a frente da fome devoradora
ao encontro do sorriso dos miseráveis.

EPÍGRAFES DA 2ª PARTE

A ideia de dissolver-se no nada
não me preocupa. Claude Lévi-Strauss

Chamuscado pelo amor do belo
eu não tive a glória sublime
de dar meu nome ao abismo
que me servirá de túmulo ímpio.
Baudelaire

Poesia não é fruto do ego
produto de impressões
de um estado de espírito.
VCA

Pior que morte física
é a moral
e moralmente morrem-se muitos
várias vezes, no Brasil hoje.
VCA

O homem e a natureza
são criaturas do tempo.
Ilya Prigogine

A luta pela vida
é mais importante
que qualquer problema arquitetônico.
Oscar Niemeyer

SOBREBORGES

Os artigos filosóficos de Borges
é débil artifício
de um argentino extraviado na metafísica.

A cegueira gradual não é trágica.
É lento entardecer de verão.

A avançada idade tem me feito
Resignar a ser Borges.

Não me interessa em absoluto
juízo da posteridade. Espero
ser esquecido total e copiosamente.

Que sobre cada minúcia de minha obra lance-se.
olvido duradouro.

27.5.14

Vem do coração agreste das estrelas cor cósmica
eco de luz cristalina se esgueira
vem a sílaba da última ladainha
e letras desertas de novembro em correnteza
(além das crueldades de abril de cada linha desrimada)

dos arredores das janelas
onde lua corteja madrepérolas
vem a poesia

e o êxtase das mariposas santifica
lâmpadas suicidas cultivadas
por sibilas francesas
(que esmerados oráculos destilam
e párocos calvos apregoam
do alto de suas tonsuras dolicocefalos).

27.5.15

Do coração comum das estrelas brota
além das espessuras que flamejam
grito estrangulado brota
desespero do mundo (tão mundano)
de nossas vidas enveidadas de lixo
e alma plástica

dos estábulos de céu coração
das estrelas lança partículas lentas
lança metilhas de luz sobre pocilgas

páramo acampa sobre nimbos de pedra
sobre duodenos dedos nus repousam

palavra ferida por claridade
útero noturno embosca por caridade

até que não reste desesperança no homem.

27.5.16

A cúpulas cegas ergo espírito
a abóbadas nuas onde alma paire
assoerbada de medos e dores me dobro
parturiente do assombro e do sobejo
porque hoje estou bêbada de universos
ataviada de fagulhas e cansaços
e meu barco ébrio e fêmeo atracado no delírio.

Célere bergantim segue
ébrio périplo por entre peripécias
e condados marinhos (e cemitérios aéreos)
por entre fúria de adeuses líquidos
fustigando lenços segue
barco embriagado
e sua canga de vertigens amarelas.

27.5.17

Por entre cones, dunas e salina de palavras
por entre cais de sólidas saudades
e empórios de sol camuflados de sede segue
barco com sua corja de delírios
quilha apontada ao barro do verbo
matéria-prima do futuro da raça humana
a grande obra de Deus a levantar-se do pântano
a que a alma conduziu a criação.

A bandeiras abandonadas
a âncoras estraçalhadas
a gaivotas esventradas em portos vespertinos
ofereço trapo de mastro impotente, exangue
inútil como a eternidade ou o abdome
(e minha vaginas de emolumentos virgens).

27.5.16

Lua grega, arcaica, obscena
sobre rosto de ásperas noites flutua
escande passos de amante
(por escandinávias e honduras se estende)
sepulta de prata Alexandria
ri do orvalho, rocia amanheceres
uiva no ouvido luciferino de Kavafis
toada branca de culpa sublimada
acantona no olhar baunilha e abelha
orquídeas diárias a olhos alados oferta
lua africana sobre tundras se espraia
cobre savanas e planícies lascivas
adornos dourados resgata
das ricas exéquias da palavra.

28. CONTINUAÇÃO DO POEMA 27.08.16

Lua filtra olhar de tigre
gemas felinas escraviza
pérolas do íntimo atiça
anela fêmeos dedos, apalpa
sexo amanhecendo
seios de muares dedilha
dorme como dançarina
no harém matinal depois
da estéril orgia noturna.

29. TEMPESTADE E CANDELABRO

(FRAGMENTOS)

No mosto crepúsculo
na tina de cores mortuárias
azul desmaia bêbado
(da igreja da adega).

Quando astros completarem o céu
e Deus por na boca do poeta pássaros
homem não resistirá mais a desencanto.

Deus pôs nos lábios dos poetas
pratas seminais
ouros no sêmen da palavra barro
para modelagem da criatura do verbo.

Abaixo as ordenações anacrônicas do poema
abaixo suas álgebras indecorosas, inconscientes
e tempestades de ímpeto amarelo.

Venha a mim palavras novas, inocentes
ou selvagens venham a aprisco da página de barro.

30. TRÊS POEMAS A MAIS

Ao por-se dos abismos
esses sóis avessos
Deus rende-se a pias nostalgias
espalha luzes e cinzas
sobre rosto do homem
sua terrível criatura.

Sob candelabro o descalabro
escabroso do Brasil
oficial e privado
latrina do mal feito
abra-se ao mundo.

Fila de pêsames forma-se
a lado da do aniversário (voo dos anos).

31. FUTURO

(a bacia do futuro tem forma de cloaca branca)

Sei que águas levarão meu rosto
para o trâmite dos abismos
enquanto dejetos iluminarem latrinas.

No ângulo do levante face mirrará.
somente mostarda ocupará coração.

às urgentes sarjetas do sonho
onde destroços das horas juntarão
ruínas do rosto, esgotos do amor
brilhará o abandono.

Cloacas hão de dançar
a céu aberto valsas podres
sei que águas lavarão meu rosto
com esterco e abominação.
blues mortos, músicas fecais.

32.1

À feitura incomensurável da morte
(quando vermes desastrosos
aportam em nosso rosto
avidamente retoca

morto imóvel
maquiagem apocalíptica).

Caixa torácica aberta
em par de treva
pelo furor e potência
da mandíbula elementar
dos incontáveis gusanos
que nos povoam logo após
último sopro.

(Pois a vermes não emociona
estado da cútis defunta).

32.2

Alento último soa
como campanha convocando
alma para perícia do espírito (verminoso)

e clama:

vinde vermes ao cadáver vital
recém inaugurado
pela morte pastor

está aberta por este edital do tempo
a sublime temporada da sarjeta
caça ao que restou de inteiro na carne
separada da alma.

Metafísicos e precisos gusanos
com dentes transcendententes e afiados
molares não virtuais roerão
com pertinência e bruta eficiência dental
o que restar da decomposição do corpo e da alma.

33. ?

Era a era dos albatrozes franceses

asas pesadas repousando

carniças sobre conveses

estrelas parindo relâmpagos

bezerros auríferos (de pés barrocos)

catilinárias sertanejas

uvas parindo

 canelas ovulando à lua

ovelhas comendo lentilhas e estrelas

parturindo

 vacas pastando no prado

 e Deus no pasto

borboletas em idílio alado

 aves do estio

 gôndolas do delírio

ante pública nudez das moçoilas

dançando na praça pública do mundo.

34. VIDA DA PÁGINA VIRADA

Signos repetidos como metáforas cortantes
cubos de punhais amanhecendo
do ventre dos sábados bélicos de setembro
estribos amarelos (e exuberantes)
berrando dos pátios do páramo
grinalda de pássaros
no torneio das palavras (hara da página)
tropel de tropos espancando alumínio da alma
e cavalos metonímicos mumificados
ritmo da vida arruinando-se
sintaxe do tempo sepultada
vocábulos tombados da lauda
agora túmulo disparado
rede de palavras noturnas
luz dirigida
 ao esplendor da ruína.

35.

Dados deixados ao acaso
roletas russas (do Pentágono e Realengo)
jogadas no resto da sina atônita

tempo de pêssego e álgebra
de seios eretos como pilares romanos

tempo das bocas colhendo
águas sanitárias dos púbis primaveris

vértebras tornadas flautas
ossos de aço da rótula de Atlas
hímens do mormaço.

Era o ouro, o hino, a lauda
parafernália de Deus em cru ato
no céu da página
oficina do homem em ruínas.

36. MONET E O SENTIMENTO PLÁSTICO POÉTICO

O melhor desinfetante é a luz do sol.

Juiz americano

Os pós-impressionistas, em sua técnica e conceito, apresentam analogias com os poetas modernos, ou melhor, pós-modernos.

A solidez realista, o peso simbolista, o labor formalista parnasiano, como na apresentação pictórica impressionista, transformam-se em névoas luminosas, dissolveram-se em vibrações verbais.

Em Monet, mesmo pedra transfigura-se em cintilações de luz e cor, qual algo quântico. Ele pintou fachadas da catedral de Rouen, em diferentes horas do dia para registrar, flagrar pictoricamente a fugacidade das formas produzidas pela luz do sol das sobretardes suas cores fugidias, espasmódicas coagulando-se, sem preocupar-se com conteúdo ou estrutura da matéria que apresentava na pintura.
Como o poema.

36.1

Monet pulverizou a forma, pedras transfundou
em cores e luzes sob constantes mutações
presididas pelas horas.

Ele não representava estados de
permanência (o que perdurasse) da matéria, mas
efêmero feérico movimento da vida sob
condão do trânsito, marés mutantes, balé de
formas esfumando-se sob batuta
impiedosa do tempo.

Cezanne via a cor como transportes, fugas
das sensações. Monet encarou-a
em sua essência temporal. O primeiro
sentia o ímpeto estrutural da matéria, o segundo
experimentava sentimentos plásticos verdadeiros.

37. ESTOURO DAS ÁGUAS

eu sobre a popa sabre
da tormenta reluzindo
metros de vaga bramindo
túmulos aquáticos rugindo
a boca hiante do abismo

dorsos batidos de ventos
vísceras de naus atentos
céus gargalhando lampejos
metais de rinchos obscenos
despejos de gritos e beijos

ranger selvagem de águas
rir bêbado de demônios
cavalos rijos correndo
por haras negras ufando
em sinfonias profundas

eu sobre popa tombado
horizonte sem ruga ou garra
vento jaguar fantástico
regendo ondas rugosas
rasgando medo em pedaços

nimbos dos sábados em fuga
por léguas de águas beijados
espanto uivando domado
feito cão de espuma e brado
ou monge de hábitos rasgados

38. EU

Extingo as cadelas todas
e algemas da alma (cães dos elos)
todos os grilhões torturarei
cárceres jamais verão luz do dia
outono escuro único marco
(além da mortal cela celular)
espasmos primaveris estrangerei
a cadeados negarei chaves
candeias cegarei
sóis serão calcinados
para meu prazer
luzes físicas triturarei
com mó de treva
prensas metafísicas poderosas.
Usinas de retábulos.

Que nada reste (nem eu)
nem pó restará
nada
nem palavras.

Com poema desfaço o mundo.
Reduzo verbo
 à mancha da página
fiat retórico
 cravo na lauda do parvo mundo.

39. CONFISSÃO 10

Quando a noite vem sal do silêncio se alça
e sol do abismo adormece, cinzas
com suas hostes plúmbeas invadem cores
morrem manhãs dos setembros clamorosos
enquanto luas nas ruas estertoram
solidão noturna apazigua dias
noturna solidão desencadeia alma
vigem o úmido e o impreciso
loucura de contornos vivos
estirpe de anciãos, tormentos
de outono, velo senil, sombras de abeto
barca de abismo.

à Umbra vital.

Vivo do esplendor das cinzas
sobre largos meses armazenaram-se
lamúrias, trastes, cansaços, dores
em asquerosas fila.

40. (CONFESSIONAL)

Cores estéreis da morte vieram
de frias bandejas jorraram
abrigaram-se em lajes pálidas
muros do sentimento derrubaram
janelas, portas, luzes, olhos e rostos
esfaquearam flaqueando-os com desmesura

e no olhar de Narciso mergulhou
pouco antes de emergir de si mesmo

trêmulas hostes desmaiadas
acamparam em meu peito abandonado
silêncios beberam de meu rosto ártico
fagulhas ou escombros, o que encontraram.

Não nos tramaram deuses desiguais
na alma do Senhor pastaram andorinhas de treva.

Apenas leve rumor de sangue
do meu coração vencido se ouviu
latido vermelho
fulgor plúmbeo e rubro
latejo, válvula, uivo, páramo carmim
ilusão destroçada, escrúpulo, catraca
dele brotavam como pus de infinita ferida.

Imersa no eco do rosto água baldia.

41. CONFISSÃO A MIM

Tenho alento de pássaro
gesto de vento.
Sinto Deus em dezembro. (VCA)

“Tarde minuciosa viveram lábios
tímida e desnuda intimidade dos beijos”.
Borges

42. POEMA ABANDONADO NO MEIO

**“que poeta use, no poema, mais de
silêncio que de palavra” CDA**

Abandonado pelas musas porque lúcido, moço
sou apenas simples humano entre
tantos (trastes hominídeos), cinzel sem fio
que reza ao vazio
ante tão puras fauces do abismo
depois do enterro das ilusões completas
perdidas abeira-se a realidade
capciosa e vou ao ápice
dos maiores centros de compras do mundo
vender-me

como a uma vasilha sem dentes vende-se
depois ao beco das penúltimas lamentações
encontrar-me (numa bacia de lágrimas secas)
nunca perdoar-te.

(Continha no poema seguinte)

43. CONTINUAÇÃO

Onde ao tûmulo do vômito suceda a náusea do céu razia dos sonos
cansados desate-se
e o sonho
sob posse do deus lírico do álcool se alastre

estenda-se até a vida
onde se entunique e reine
insensato animálculo da alma.

Poema ao farto silêncio
de que é feita a poesia.

**44. MEDITAÇÕES À PERSE, CDA
PLATÃO, BORGES, CIORAN E JESUS**

(Reflexos do nada, o todo de uma vida escrita)

Bússola enlouquecida o poeta
procura o norte ou a morte.

Levei o verso às últimas consequências
ou inconseqüências

explorei todas as suas inúmeras
impossibilidades (sem demora ou cansaço
sem temor ou entreato).

Investí como tratar de aurora
trevo sem limite sou.

A seu fundo (do verso) fui, mobilizei
seus potenciais e assombros.

45. CÂNTARO DE SEREIA

Cântaros aprimoram seu pranto
lágrimas seus gumes afiam
na lâmina dos olhos mecânicos
no olhar mudo dos mortos.

Cântaros se aprimoram
na marinha alma das sereias
que emudeceram Ulisses.

Desvelos vão
vaga sensação do não
zelos lentamente amam.

Cintila a decepção de Deus
com suas impunes criaturas
cristal indeciso quando luz hesita
mutila-se ante horda de sombra súbita.

Centro Cultural Vital Corrêa de Araujo – Rua da Glória
25.07.2011

46. ÚTERO E TREVA

Aparatos escuros da aurora do útero
feto da luz ilumina monturo
aura noturna contamina o futuro

olhar se move na treva da tarde busca
o que após caos jaza
cor do inferno, coração da quilha
do barco úmido de Caronte bêbado

de onde amanhã mane
para onde vá sol deposto
quando abandone olhar do mundo.

Passam por mim multidões e horas
furiosos pecados pastam em mim.

Ampulhetas medem meus instantes.
Cronos pesa minhas cãs e remorsos.

47. POR QUE NÃO?

Por que caminho andas
percorrendo úmidas
ruas por onde lua se esgueira?

por que não fere teus olhos
cava aurora (escabrosos amanheceres de hoje)?

por que abordas inaudita, primorosa
sendas ávidas dos abutres e dos abismos?

por que vias flagras sonos vis
e inóspitas entranhas da infiel noite penetras?

por que me amas tão tristemente (gente)
e me usas como talher de banquete?

por que arrebaldes persegues
sinos de ilusão, sonhos sem ventre?

por que não abres sendas do futuro em mim?

48. SILÊNCIO ESCURO

Silêncio escuro jorrará
como de um pênis jorre o ser
como vulto ou onda
de seres noturnos se espraiairá
como leite de distantes galáxias
jorro do sêmen de Deus, ejaculatórias
da árvore da Via-Láctea se expandindo
como grito inacabado
ou bigbang de Javé
xerife do universo
disparado a oeste da gestação
útero cósmico, páramo
onde Criação ganhe carne
quando as criaturas perdem a alma.

49. POEMA DE AMOR

A infiel Penélope ao cornado Ulisses

O minotauro é silencioso, avaro
de sua sombra taurina
das medidas de seu estábulo
cheio de estrelas cor de aladas ovelhas.

A nua sombra do largo silêncio
que mana dos estritos corredores
(que simulam ruas de Atenas)
Ele vaga melancólico e chora.

O minotauro ama Ariadne.

50. ÚLTIMA ENUMERAÇÃO À BORGES

No brusco e sádico modo
de vida do século vinte
e agonizante busco
mascara de um aroma
sono de um licor
rastros de uma acácia
perfume de um rumor busco
cinza de um incenso
eco de uma fuga
chave de um amor
carícia de um abismo
certeza de um sabor
sobretudo a imprecisão de um gesto
e o sentido de um rosto. Afago

Recife, 29.12.2000

51. TURISMO DESESPERADO NO ITINERÁRIO DO TEMPO

Nos verões rigorosos de Ectábana areia treme.

Em Babilônia lagartos atravessam ruas ao pino do sol
e são facilmente calcinados (viram creme e pós ardente)

Asclepion jaz em sua beleza arruinada
e abandono cresce com a desmesura.

Sofia reina no Partenón
e derrubou Atena.

Erva daninha da idade prospera
em cada pedra ou face.

Virgem ereta era no Erección
sem rito de aliteração.

Cosme e Damião, dióscuros: Cástor e Polideuces.

Hélios e o carro flamífero: agora
é o profeta Elias quem descende das chamas.

52. POEMA . COM

. com lovor de árcade e zelos
azuis plato
punhais neste silêncio de acanto
e granito coroadado de louro moribundo

no vate peito cravo grito manuscrito
e na face do obus absurdo
atiro palavras de repúdio
certo entre petardos precisos
de calúnia elegante e bem cerzida

lavro no esgar da guerra urro
que percorra aviários e subúrbios
o com penachos e archotes inauguro
madrugada no corpo de outubro

. com rigor de hécate e zelos sigilosos
além de véus apocalípticos flagro
fugas do coração diurno
e sombras do meio-dia amaro.

53. (CONSELHOS A CANDIDATOS REMOTOS A POETA)

Se você fizer poemas como a sintaxe quer
dará certamente com todos os burros n'água.
Ou se atender a ditames da gramática
conserva de regras, hospital de sílabas enfermas
seu poema será um (ou dois) desastre com certeza.

E se for atrás da tentação eufônica da rima
seu poema não passará de uma orquestra de letras
e nunca termina.

Você (eu, ele e ela também) fala e pensa em prosa.
Se fizer poema como fala ou pensa
o resultado não é prosa nem poema
suas prosema, coisa triste, bagulho lamentável
de palavras, algo contaminado, ambíguo
impuro, bruto. Nada mais. Tudo isso.

“Cinza do ar que hora prenda
com as patas da aranha, lassa
na teia de alguma renda”

Ronald de Carvalho

54. POEMA PARA 2012

Diferenças virtuais:

homem do escritório animal racional frio

homem da linha de montagem animal proletário vil.

Santo, santo é homem de sorte

que atravessou duros paramos

os campos minados da vida (não foi ministro)

dos homens mas servo de Deus, pai e filho.)

Com pouco dano no peito

pouquíssimo pecado na carne.

A santidade é uma loteria (babilônica?).

55. ÁRIDO CARACOLA**ÁRIDO CARACOLA****CARACOLA ÁRIDO**

Árido Caracala suspendeu os emolumentos dos sábios de Alexandria
assim se atrasaram os salários dos sofistas remanescentes
(enquanto isso godos cruzam o Íster
e hérulo do Euxino abeiram ribeiras do Tíber).

Atribulado Libânio (sobre o qual veio girar triturando
irrefreável roda do destino – desafortunada mó)
transido de desespero arrojou-se
sobre página afiada da própria espada (cálamo da alma)
e finou-se completamente increpando céus
quando persa flecha pôs fim à vida de Juliano.

Vi persa seta no ermo azul sibilar
atravessar mudo horizonte, víscera da tarde romper
vi Juliano agonizar e Libânio increpar o céu.

56.

Dos veios cristalinos do silêncio
se aprofunda o grito, seu alimento.

Uma pausa oblíqua, branca descobre o poema
Pausa de ar sem fôlego, queda
No ímã da vida na vertigem do poema.

Esperar é um fio
À espera do corte
(Dâmades desesperado).

Apure a trama, estique o fio
fibra a fibra desfia a vida.

Por híbridas cabalas do jodíaco
e palavras de selvagens sílabas fui
com Salvatore Q até
muito além das ondas da colina italiana.

57. NADA

Nada existe além do levante
e sua coroa de cores mercenárias
escrínio de Deus em eclipse.

Nada existe além do desastre
e das conspirações das cores primárias
peleja que Deus estimula (ou comanda).

58. VERDADE (9)

A mandíbula do javali
cravou-se na memória de Euricléia
como se o nome Ulisses se afixasse
num alto pórtico, no olho de uma estrela.

59.

Lasciva primavera adoro
e lha cheia de viço de moças
do seio a buliçosa seda balance
levando à loucura meu pobre lábio

Como as éguas de Lisboa
de garupas lúbricas apontadas
aos potentes ventos do fértil poente
meu suspiro seja.

60. POEMA LEVE

Da rude avena búzio afino
com trigo afago fome de lírio
da brunida e indeclinável aljava tiro
seta com que alces persigo
na faina do poema carnívoro

clavículas com que óssea sina ostento
sedas com que cisnes invento

e o arco que faz trêmulos tigres
e anca que faz delirar os homens

erínias equiláteras abrigo
no alforje sujo dos domingos

que a seda do beijo apazigue
seio buliçoso
e a sombra do desejo alongue o viço.

61. SINCERIDADES

Há excesso de sinceridade
na poesia d'hoje
porquanto os poetas derramam-se desmusurados
exagerados ungem-se de hemorragias líricas
em derrames confessionais estupendos
e dispensáveis (como estes).

Eles dizem o que pensam (achar que sentem)
nuamente
em cachoeiras de palavras
sentimentais de mais

verbo em catadupa, corredeiras de rimas
afogando a imagem
cascatas e mais cascatas de palavras (reticências).

E o que pensam sentir (ou sentem que pensam
geralmente é pobre
e inexpressam-se quando o dizem.

A insinceridade (no sentido português do termo)
é nula ou desprezível (nos poetas d'hoje)
e o poema apenas registro febril e breve
do que (não) deve ser dito, ou seja:
a publicação do íntimo.

62. EUGÉNIO DE ANDRADE VITAL

Pois em lábios muito jovens

arder é tão lento

pois sobre os ombros

a noite nua se desdobra

como a cal rumorosa

do sol dos cardos

como rios que chegam subitamente

atraídos pelo fulgor dos dedos

assim de aroma em aroma

os lábios te procuram e deitam em teu rosto

assim as aves virão inumeráveis

como a sombra minuciosa dos álamos.

Como enxutar a morte esse animal

sonâmbulo dos pátios da memória

tão longe, bela e leve é a luz das abelhas?

63. MINHA FILOSOFINA

Morte jovem é desperdício duplo
pois a alma aprende com o corpo
pois a vida é mestra da alma.

Pois a morte para ser completa
depende do quanto dure o corpo.

Suicídio estraga mais a alma.

O suicida poda o corpo e a alma.

Creio em uma só morte: a da alma e do corpo

Vertigem e abismo não vivem sem o outro.

64. EIS - 2

Eis Galileu apontando
a luneta para o céu
lente a desnudar estrelas
a ótica humana perto de Deus.

64. A

Aos asfódelos do Érebo transbordantes
e a seus viços deslumbrantes

ao ineclinado azul de teus olhos longos
e ao oceano de remos gotejantes

às pálpebras da água
à severa e ebúrnea solidão do mármore

ao corno de porcelana que contempla
abutre de bronze na exposição do assombro

ao sono atado ao silêncio
aos calados afogados nas águas das vozes.

66. EIS CÃES

Eis que cães estraçalham constelações
quando impera o silêncio do coração do céu

eis que as vísceras do crepúsculo são expostas
quando o vaso do ocidente se fratura

eis que a ira de Deus desata e deixa rastro
estilhaços da Via-Láctea

eis que as luminosidades feridas
das galáxias fugitivas erodem os olhos

eis que a aurora sepultada ergue
clamorosos estandartes

eis que entre giestas argentinas
e amapolas pálidas o poema irrompe

eis que os jaezes do sol arruínam
o esplendor noturno.

67. TORRE OU PLANÍCIE DE VERBOS

Vergo a altivez da vertigem
mastros bêbados de barcos
rumos crassos
naus pandas
habitações indolentes
ar de pássaros
cervizes cívicas vergo

Sirvo-me de astúcias (não contábeis), de perdidos Ulisses, ícaros de cera ancoram em meu rosto dunas ávidas e verbos escatológicos diáfanos tempestades, metálicos pesadelos, dilúvios do espírito bando bêbado de mónadas, resmas de adjetivos, túnicas iconoclastas consúteis rebanhos de nuvem, naipe de ventos, epitáfios venais trevas ecumênicas, homeostases, crepúsculos, semínimas e vertigens astutas bebem-me o rosto e o nome.